



# **O SUJEITO SURDO E A MUSICALIDADE: PANORAMA SOBRE A INTERAÇÃO ENTRE MÚSICA E SURDEZ**

*THE DEAF GUY AND THE  
MUSICALITY:  
PANORAMA ABOUT THE  
INTERACTION BETWEEN MUSIC  
AND DEAFNESS*

DAIANE DE OLIVEIRA PIERGIORGE  
LETÍCIA GONÇALVES RICARDO

## RESUMO

Este artigo busca oferecer uma breve visão sobre a musicalidade dos surdos, esclarecendo o papel da música na vida do indivíduo, na sociedade e na educação. Tem início com um relato sobre a história dos surdos no decorrer do tempo e sobre como eles foram tratados pela sociedade ao longo dos anos, com foco na luta pela conquista de reconhecimento e direitos. Além disso, são descritos alguns dos processos educacionais pelos quais eles passaram a fim de serem entendidos como capazes de adquirir conhecimento e interagir com a sociedade. Em seguida, há um panorama geral da música, bem como seu importante papel na sociedade e sua aplicação obrigatória como disciplina nas instituições de educação básica. A partir de então, são abordados aspectos importantes sobre o surdo e a musicalidade, explicando-se como ocorre essa interação e desmitificando a ideia de que a população surda não consegue interagir socialmente de forma musical e está afastada dessa arte inegável à vida, que percorre a humanidade desde os tempos antigos. Por meio dessas exposições, objetiva-se contribuir com uma nova abordagem nos processos educacionais e sociais relacionados aos surdos e à musicalidade que eles apresentam, de modo que esclarecidos educadores consigam desenvolver novas metodologias e tornar cada vez mais real e abrangente o processo educacional inclusivo.

**Palavras-chave:** Educação. Interação. Música. Surdo.

## ABSTRACT

*This article seeks to offer a brief vision about the musicality of the deaf, clarifying the role of music in the life of the individual, in society and education. Begins with a report of the history of the deaf over time and about how they have been treated by society over the years, focusing on the struggle for recognition and rights. In addition, are described some of the educational processes through which they passed seeking to be understood as able to acquire knowledge and interact with society. Then a general panorama of music, its important role in society and its mandatory application in educational institutions of the public network. From then on, we bring important aspects about the deaf and the musicality, explaining how occurs this interaction, demystifying the idea that the deaf population cannot interact socially in a musical way and are away from this undeniable art the life, that runs through humanity since ancient times. Through these exhibitions, we seek to contribute with a new approach in educational and social processes related to the deaf and the musicality they have, where after enlightened educators can develop new methodologies and make increasingly real and comprehensive the inclusive educational process.*

**Key-words:** Education. Interaction. Music. Deaf.

### DAIANE DE OLIVEIRA PIERGIORGE

Pedagoga graduada pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: daiane.piergiorge30@gmail.com

### LETÍCIA GONÇALVES RICARDO

Pedagoga graduada pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: leticiag.ricardo@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Estamos cercados por música o tempo todo. Desde o início da humanidade, essa arte está presente em nossa vida, tendo, por isso, um significado muito importante. A música é um grande instrumento para integração social e cultural, além de ser ferramenta para o reconhecimento individual de cada ser. “Sua influência cria na sociedade o desenvolver de valores que, de modo eficaz, estruturam a cultura, a arte, o pensar, o aprendizado e a prática. Desse modo, vemos a todo momento a interação do homem para com a música” (CUNHA, 2006, p.18). Não há ser humano que não a conheça e reconheça quando a ouve, desde os sons mais simples, como os da natureza, até os arranjos mais rebuscados, como os de uma música erudita. O fato é que estamos rodeados por sons o tempo inteiro, e, mesmo que de maneira informal, todos “fazem” música, seja com um bатуque na mesa ou com sons bucais, buzinas e instrumentos; todos os indivíduos têm a música muito presente no decorrer dos seus dias e se expressam de algum modo por intermédio dela.

É comum que, por associarmos a música ao processo auditivo, não consideremos que pessoas com debilidades nos órgãos responsáveis por esse processo consigam ouvir e se apropriar da musicalidade. Em função disso, pessoas surdas sofreram preconceitos ao longo do tempo e foram afastadas da convivência e da interação social por serem julgadas incapazes de absorver conhecimentos e desfrutar da

socialização, já que não se comunicam de maneira igual aos demais indivíduos.

No entanto, com o passar do tempo e com as conquistas alcançadas, os surdos vieram demonstrando que, mesmo sem a audição e a fala como principais meios de comunicação, são extremamente capazes de interagir com o mundo. Diante disso, começou-se a questionar como indivíduos interagem com a música e como o conhecimento sobre tal especificidade pode colaborar para que educadores desenvolvam novas didáticas e metodologias, a fim de abranger, de maneira inclusiva, os surdos no processo educacional musical, já que este se tornou obrigatório nas escolas.

## BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO E A CULTURA DO POVO SURDO

Entender a relação das perspectivas educacionais para os surdos no passado torna-se importante para que se possa compreender a política de inclusão em vigor atualmente nas escolas brasileiras, assim como conhecer alguns conceitos particulares e naturais que fazem parte da identidade do surdo.

Segundo Strobel (2009), as diferenças entre os conceitos de Povo Surdo e Comunidade Surda são:

O Povo Surdo é o grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história e tradições em comum e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão. A Comunidade Surda, na verdade, não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos

e outros que participam e compartilham dos mesmos interesses em comum, em determinada localização, que pode ser uma associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros.

Na Antiguidade, eram realizadas diversas atrocidades contra os surdos. Por não apresentarem linguagem, eram considerados seres incapazes de adquirir conhecimento, pois acreditava-se que o indivíduo que não desenvolvia a fala também era desprovido da capacidade de pensar e, por isso, não era considerado humano, ou seja, eram pessoas sem alma. Em consequência disso, muitos surdos eram sacrificados e jogados de penhascos com a justificativa eclesiástica de eliminar pecadores.

Ao pesquisar e analisar a história do Povo Surdo e das Comunidades Surdas, bem como suas transições e modificações ao longo das gerações, foi possível levantar informações relevantes para um estudo detalhado dos processos de integração do Ser Surdo com a sociedade.

Ao longo dos anos, esse contexto de exclusão foi mudando, com a descoberta de que os surdos eram capazes de falar e se comunicar entre eles e com outras pessoas por intermédio de uma língua natural e materna exclusiva deles: a língua de sinais. Porém, essa língua teve uma grande trajetória desde seus primeiros registros até sua completa aceitação como o melhor caminho a percorrer a fim de derrubar a barreira de comunicação imposta, cotidianamente, entre surdos e ouvintes. Assim, com o advento de novos recursos linguísticos, os sur-

dos deixaram de viver em um mundo de completo isolamento e tornaram-se participativos e atuantes socialmente.

Por terem uma língua própria com características linguístico-estruturais diferentes das apresentadas pelas línguas orais, os surdos são representados por uma cultura específica, que denota o modo de viver e de se expressar e a maneira especial como o surdo enxerga, percebe e estabelece relações com o mundo a sua volta. Conforme afirma Gesser (2009):

Cultura própria sugere a ideia de um grupo que precisa se distinguir da maioria ouvinte para marcar sua visibilidade, e a única forma de obter coesão é criada a partir de uma 'pseudo' uniformidade [sic] coletiva. Em grande medida, funciona como 'sobrevivência cultural' entre os excluídos e desprovidos, portanto, de poder e voz.

Contudo, em 1880, ocorreu um congresso internacional de educadores surdos em Milão, tendo como patrocinadores grandes especialistas ouvintes na área da surdez. Foi realizada uma votação proibindo o uso da língua de sinais por mais de 100 anos. Os professores surdos não obtiveram poder de voto, o que constituiu uma incoerência, devido ao fato de o congresso ser voltado justamente para a educação de surdos. Desse modo, os surdos voltaram a ficar isolados e sem comunicação, o que provocou um retrocesso nos avanços já conquistados por eles. Esse período foi marcado por uma forte imposição da cultura ouvinte sobre a comunidade surda.

Com a negação da língua materna dos surdos e de sua identidade cultural, surgiu

uma tentativa incansável de oralização, método criado para desenvolver a fala e a comunicação oral em deficientes auditivos. O objetivo desse método era fazer com que os surdos utilizassem a leitura labial; com isso, eles seriam denominados surdos oralizados. Julgava-se que o surdo só conseguiria integrar-se socialmente se desenvolvesse a fala; assim, a melhor opção era extinguir a língua de sinais, a qual, por alguns anos, foi considerada como um atraso para os surdos quanto à sua capacidade de convívio coletivo e também um fator que impedia o aprendizado, dificultando seu progresso escolar.

Um grande marco da educação de surdos no Brasil foi a chegada de Ernest Huet, professor surdo com mestrado em Paris, que, a convite de D. Pedro II, veio ao país com o objetivo de fundar a primeira instituição de ensino para pessoas com deficiência auditiva. Assim, em 1857, foi inaugurado no Rio de Janeiro o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Esse fato colaborou para a criação da Língua Brasileira de Sinais (Libras), de modo que as expressões já usadas por surdos de diversas regiões do país se uniram com a língua de sinais francesa, utilizada por Huet. Desde então, o instituto vem apresentando um trabalho muito significativo no que diz respeito à formação, não só acadêmica como também social, de seus alunos, dos quais muitos têm se destacado em vários segmentos, como artístico, político e até mesmo universitário.

É fundamental esclarecer que a surdez pode ser entendida com base em dois aspectos: o patológico e o cultural. No primeiro, a surdez é considerada uma deficiência, ou seja, como ausência de algo que precisa ser preenchido a fim de “normalizar” o surdo para enquadrá-lo na cultura ouvinte. Essa visão patológica, que é aceita pela maior parte da sociedade, acarreta vários problemas, pois nela a surdez é vista negativamente: “O discurso médico tem muito mais força e prestígio do que o discurso da diversidade, do reconhecimento linguístico e cultural das minorias surdas” (GESSER, 2009, p. 67). Esse discurso de normalização do surdo colabora para o crescimento de preconceitos e para a desvalorização da sua língua e, portanto, da sua identidade cultural.

Em contraste com o aspecto patológico está o cultural. Ele enxerga a surdez não como uma deficiência, mas como uma diferença; um povo que, por ter sua língua própria, também apresenta características culturais únicas e particulares. Ainda sobre cultura, Strobel (2008) revela:

Da mesma forma, um ser humano em contato com seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade, isso significa que os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados. A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas.

Desse modo, compreende-se que os

surdos têm sua maneira própria de entender o mundo e transformá-lo com suas experiências visuais e táteis, conseguindo, de maneira coletiva, construir sua cultura a cada nova descoberta. É inegável que os ouvintes precisam quebrar barreiras para vencer os preconceitos, aceitando as diferenças e abandonando a ideia de padronização dos surdos nos moldes dos ouvintes.

## **MÚSICA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO**

A música permeia a sociedade desde os tempos mais antigos e é um dos grandes instrumentos de produção cultural que demarca épocas e culturas de determinados lugares e regiões. Presente desde antes do nascimento de um bebê, pode-se dizer que ela sempre fez parte da vida dos indivíduos e de seu cotidiano, pois todos os sons produzidos servem como expressão e comunicação, o que a torna um fator importante na interação social.

Ainda é difícil encontrar uma única definição sobre o que seja música, mas o conceito mais usado é a combinação de ritmo, melodia e harmonia, uma organização temporal de sons e silêncios, que trabalha com o estético, o cognitivo e o cultural. Segundo Moraes (1991), pode-se perceber a música não só nas coisas às quais já estamos habituados, mas em tudo em que existir a invenção de linguagens manifestando maneiras de ver e representar o mundo.

Essa arte é uma manifestação universal que conecta todo o mundo, pois é um meio de comunicação além de pala-

avras. Pode ser compartilhada em diversos grupos e etnias, sendo uma das maiores, senão a maior, presença artística nas culturas. Assim, por ser um meio expressivo tão abrangente, consegue possibilitar a comunicação intercultural.

“A música é uma linguagem criada pelo homem para expressar suas ideias e seus sentimentos, por isso está tão próxima de todos nós” (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 130). Suas combinações sonoras podem representar e expressar vários sentimentos que, quando identificados em mais de uma pessoa, determinam uma cultura e uma época, além de produzirem os movimentos sociais, dentre outros que usam a música como expressão na sociedade. Reconhecendo a nossa individualidade, temos a possibilidade de assumir a identidade da comunidade de que fazemos parte; assim, podemos identificá-la pelas músicas que se ouvem e se produzem, e também reconhecer épocas e movimentos pelas sonoridades que representam a mensagem e os sentimentos que são propagados intencionalmente pelos indivíduos em determinado período de tempo. É uma maneira de definir nosso lugar no mundo e o modo como participaremos dele, pois, junto com a música, inevitavelmente vêm as relações recheadas de códigos, que nos fazem perceber o mundo à nossa volta e o ambiente em que estamos inseridos e nos quais queremos nos inserir a partir do reconhecimento de nós mesmos.

Diante da importância musical e de seus benefícios à sociedade, em 2008, foi sancionada a Lei nº 11.769, que tornou obri-

gatório o ensino de música nas escolas de educação básica. Todos os indivíduos, então, passariam a ter oportunidade de desenvolver e explorar seu potencial musical, desmistificando esse contato que era idealizado apenas para as crianças com talento aparente para tal atividade; afinal, uma educação musical não se resume apenas à instrução instrumental ou de alguma área específica e técnica, mas se refere a todas as formas de envolvimento que os indivíduos podem ter com a música.

## **O SURDO E O SOM**

É normal que, ao falar sobre surdez, a mente logo imagine um mundo de silêncio total. Isso porque se julga que, por não terem audição, os surdos não são capazes de “ouvir” uma música. Parece até estranho para os ouvintes, um surdo dizer que gosta de certa música. Essas crenças acontecem porque “a concepção de língua está, do ponto de vista dos ouvintes, culturalmente conjugada ao som” (GESSER, 2008, p. 48). Tal ideia, no decorrer do tempo, foi fazendo com que a População Surda continuasse à margem da sociedade, principalmente nos espaços onde a música se fazia presente.

Entretanto, os surdos apresentam uma maneira diferente de percepção de mundo. Por serem privados do sentido auditivo, a visão torna-se mais apurada juntamente com o tato. Em virtude disso, eles constroem sua subjetividade por meio das experiências visuais e sensitivas. Logo, é possível afirmar que eles “escutam com os olhos” e percebem o barulho pela sua visão e pele.

Para Haguiara-Cervelline (2003), existem duas maneiras de os surdos terem acesso à música: por meio de aparelhos auditivos e pela percepção corporal. Porém, o método analisado neste estudo é o da percepção corporal e visual. Segundo Oliveira (2014):

Formada pela união de som, ritmo e letra (poesia), a música leva o corpo a expressar sentimentos. As batidas do coração, bombeando sangue e oxigênio para todo o nosso corpo, obedecem a um ritmo constante e vívido, que reflete a vida. O movimento dos lábios, dos olhos, das mãos e das pernas é capaz de passar mensagens, assim como a vida, que é uma grande sinfonia, onde cada um é seu próprio instrumento. (OLIVEIRA, 2014, p. 6)

Nesse trecho, a autora destaca as reações do corpo que podem ser provocadas pela música e aponta a linguagem corporal como um dos métodos de emitir mensagens, ressaltando a importância da leitura corporal. Em sua pesquisa, ela buscou entender o desenvolvimento do sujeito surdo com a música, além da importância da mesma na vida dele. Em outro ponto de seu estudo, Oliveira (2014) relata:

Durante observações realizadas em congressos e festas de Comunidades Surdas, notou-se a presença de caixas de som, músicas e danças. Os surdos dançam a noite toda próximo aos alto-falantes, o som em volume bem alto. Eles montam coreografias e se divertem por horas a fio. (OLIVEIRA, 2014, p. 5)

Logo, pode-se concluir que é possível o surdo “ouvir” música de diversas maneiras, seja pelas vibrações do som alto ou pela leitura corporal. A música faz

parte do cotidiano desses indivíduos e propicia vários benefícios, não somente de entretenimento e diversão, mas também ao processo de socialização e interação, de tal maneira que a musicalidade não é uma característica exclusiva de ouvintes; ela pode alcançar a todos.

Em uma era na qual a educação inclusiva tem tomado grande força nas escolas, os surdos não podem ser privados da musicalidade no processo escolar, mas devem ser estimulados a desenvolverem habilidades musicais voltadas para as suas especificidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das nossas inquietações, fomos impulsionadas a pesquisar e discutir sobre a importância da música na sociedade e o que isso também significa para as pessoas surdas.

Por meio deste artigo, podemos perceber como a sociedade interage musicalmente e como sons e acordes estão na essência humana, inclusive daqueles que não podem ouvir a música, mas podem interagir com ela mediante os outros sentidos corporais que possuem e desenvolvem. Desse modo, o conceito de que a música não faz parte da Comunidade Surda é totalmente equivocado e precisa ser revisto pela sociedade.

A música é um dos maiores instrumentos contribuintes para o desenvolvimento humano e cultural, não só dos ouvintes, mas de todos os indivíduos de uma sociedade. Entendendo que os surdos fazem parte desse processo, mesmo que de maneiras diferentes, conseguiremos nos educar de maneira integral e inclusiva, sem preconceitos e afastamentos dessas pessoas do núcleo social no qual nasceram e do qual fazem parte.

## REFERÊNCIAS

**BRASIL, Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008:** altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm). Acesso em: 15 jun 2019.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. **Educação infantil:** pra que te quero? Porto Alegre: Artmed. 2001. 164p.

CUNHA, A. B. Música e sociedade: a importância da música no âmbito social. **Integratio**, v. 2, n. 2, p. 17-21, 2016.

GESSER, A. **Libras?** Que língua é essa? São

Paulo: Parábola Editorial. 2009.

HAGUIARA-CERVELLINI, N. **A musicalidade do surdo:** representação e estigma. São Paulo: Plexus. 2003. 207 p.

MORAES, J. J. **O que é música.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense. 1991.

OLIVEIRA, H. C. C. O desenvolvimento do sujeito surdo a partir da música. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Petrópolis, ed. 14, p. 1-19, set 2014.

O que é música. **Significados.** Disponível em: <https://www.significados.com.br/musica/>. Acesso em: 14 jun. 2019.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. da UFSC. 2008. 118p.

STROBEL, K. **História da educação de surdos.** Florianópolis: Ed. da UFSC. 2009. 49p.